

## Apresentação

### PENSAMENTOS COMUNICACIONAIS AFRODIASPÓRICOS

*Afro diasporic communication thoughts*

*Pensamientos comunicacionales afrodiaspóricos*



**Alan Santos de Oliveira<sup>1</sup>**  
**Deivison Moacir Cezar de Campos<sup>2</sup>**

DOI: [doi.org/10.31501/esf.v1i28.14943](https://doi.org/10.31501/esf.v1i28.14943)

*Laroyê Exu!*

É com muita alegria, esforço e espírito comunitário, gestos importantes das tradições africanas, que trazemos ao público o dossiê *Pensamentos comunicacionais afrodiaspóricos*. Trata-se de uma contribuição à discussão da *Revista Esferas* diante de um cenário cada vez maior de pesquisas e publicações teóricas relacionadas às formas de conhecimentos, que por muito tempo estiveram excluídas ou silenciadas das publicações científicas e do mercado editorial. A *Esferas*, em contrapartida, tem no seu histórico, publicações em edições anteriores com temáticas afrocêntricas, decoloniais e interseccionais. Bem como, a edição de 2020 que concilia com a atual, quando acolheu pesquisadoras negras e feministas para a edição do dossiê *Comunicação, Interseccionalidade e a Promoção da Igualdade Étnico-Racial* (edição 18).

---

<sup>1</sup> Doutor; Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. [alansanoli@gmail.com](mailto:alansanoli@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0002-8856-856X>

<sup>2</sup> Doutor; Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul, Brasil. [deivisondecampos@gmail.com](mailto:deivisondecampos@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0001-9928-9825>



Esses esforços em pesquisa somam-se a todo um conjunto de ações de institucionalização no campo da Comunicação, provocados pelo pensamento crítico dos grupos historicamente invisibilizados, com destaque ao trabalho de pesquisadores negras e negros, do debate sobre raça interseccionados por outros marcadores. Destaca-se, com isso, as diferentes formas de acionamento da perspectiva interseccional como proposta por autoras do feminismo negro, com destaque para Collins (2022). Essa produção tem contribuído para o tensionamento epistemológico da Comunicação e, de forma lato, da Ciência. Também tem aberto espaço para a reinserção dos corpos e seus marcadores de diferença na reflexão sobre os processos comunicacionais e midiáticos, como apontam os textos do dossiê.

As circunstâncias de transformações na sociedade, desencadeadas pela introdução de políticas afirmativas nas universidades públicas iniciada há pouco mais de duas décadas, resulta na atualidade em uma gama de temáticas afrocentradas, constituídas por autores e autoras pós-coloniais, do movimento intelectual de negros e negras, decoloniais, feministas e tantas outras perspectivas. Como afirma Gomes (2010), tornar-se ex-objeto provoca uma tensão epistemológica e prática à academia e suas instituições. De forma prática, o pensamento negro, historicamente excluído, são encontrados nas prateleiras de livrarias, bibliotecas e em uma expansão cada vez mais frequente nas listas de periódicos, dissertações e teses de doutorado espalhadas pelo país. Bem como, estão cada vez mais frequentes nos eventos científicos que foram obrigados, estimulados ou reivindicados a criarem grupos de trabalho específicos direcionados às pesquisas afrocentradas, decoloniais e interseccionais.

Historicamente, observa-se uma provocação da Associação Brasileira de Pesquisadoras e Pesquisadores Negras e Negros, entidade de articulação do Consórcio Nacional dos Núcleos de Estudos Afrobrasileiros, em 2014, com a criação da área acadêmica de *Comunicação e Mídia*. Bem como, do GP *Estéticas e Políticas dos Corpos* da Intercom, que participou ativamente do Congresso da Intercom de 2018, que teve como tema *Desigualdades, Gêneros e Comunicação*, seguido do *Colóquio Por uma Comunicação Antirracista*, organizado pelo mesmo grupo. Outrossim, o *Encontro Comunicação, Raça e Interseccionalidades*, organizado pelo Grupo de Pesquisa Coragem da UFMG e o Laboratório de Identidades Digitais e Diversidade do UFRJ em 2020, deu visibilidade à proposta de criação do grupo da Compós.

Observa-se com isso, a criação e articulação de Grupos de Trabalho voltados para as questões de raça, gênero, LGBTQIA+ e outras vertentes de estudos interseccionais, como é o caso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) com a inserção do GT *Comunicação, Raça e Interseccionalidades* para o ano de 2023 e a Intercom que em seu 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em 2022 realiza o encontro no GP *Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico*. Ao mesmo tempo que aponta a materialidade do processo de institucionalização, é revelador que tenha se dado nas duas principais entidades somente na segunda década do século XXI. Outros tantos grupos de pesquisa e de trabalho têm conquistado as mesmas aberturas neste movimento crescente de pesquisas sobre a temática afrodiaspórica e outros conhecimentos decoloniais ou afrocentrados pensados a partir da Comunicação.

A produção contemporânea apresenta novas perspectivas, considerando-se a discussão a partir do campo da Comunicação, mas está ligada a uma tradição de pensamento e produção de conhecimento da África e da diáspora. Os movimentos geopolíticos e geocomunicacionais, sistematizados por Gilroy (2001), apontam a indissociabilidade entre estética e política na espacialidade do Atlântico. Também as dimensões em fluxo das culturas forjadas pelos colonialismos. O processo de desterritorialização e movimento produziram conhecimentos e formas de conhecer relacionados à "tradição não tradicional", em definição de Hall (2003), o que possibilita uma permanente presentificação de práticas e saberes. Esse movimento está presente em todo o processo de tensionamento epistemológicos e político promovido nas mais diferentes formas de atuação dos movimentos negros e nas produções que dialogam com as culturas negras.

Dessa forma, as diferentes manifestações históricas do movimento negro brasileiro, que sempre cobraram transformações estruturais na sociedade brasileira, como a educação, fizeram eclodir no tempo presente, um organismo crescente de pesquisas e publicações voltadas para as questões contemporâneas e das ancestralidades dos conhecimentos dos povos afrodiaspóricos. Diversas publicações de pesquisas inéditas, revisões, arquivos e traduções sobre temáticas do pensamento negro têm sido observadas com maior frequência no cenário nacional. Novas ou velhas editoras têm inaugurado selos com a marca voltada para as populações historicamente excluídas. Entre elas, as produções intelectuais e artísticas das populações afrodiaspóricas. Acompanhando este ritmo, os textos que trazemos aqui, configuram mais um aporte desse movimento. Após um trabalho criterioso de avaliação, chegamos a edição 28 de *Esferas*

carregados de satisfação, ao ver que os textos aqui selecionados, bem como os trabalhos visuais, corroboram com a constelação, em maior ou menor escala, dos pensamentos comunicacionais afrodiaspóricos que elucidam ancestralidades, questões políticas, debates antirracistas, gêneros, feminismos e tantos outros temas necessários para o campo da Comunicação.

O dossiê abre pedindo licença aos nossos mais velhos, para que possamos olhar adiante. Como nas culturas negras só se morre quem tem o nome esquecido, evocamos em letras gritadas BEATRIZ NASCIMENTO que, já ao final dos anos 1970, chamava a atenção para o papel da televisão na manutenção dos estereótipos criados para aprisionar os negros num lugar de inferiorização. Essa representação fixada invisibiliza outras formas do ser negro na sociedade. Sua reflexão parte da obra de Monteiro Lobato, que segue meio século depois sendo objeto de tensão das relações raciais no Brasil. Reflete igualmente no impacto que provoca na formação das identidades de crianças negras que aprendem a não ver, ou ignorar quem são.

O texto da nossa intelectual negra ancestral, é seguido pelo que convoca o Orixá que abre os caminhos para as reflexões contemporâneas. O artigo *Sob os princípios de de Bará/Exu: a oralidade nos processos do comunicacional batuqueiro* de Sergio Farjado e Rudimar Baldissera, chega fumegante, reflete os processos comunicacionais, amplamente situados na oralidade, a partir de Bará/Exu, a divindade da comunicação sob a ótica do Batuque, religião de matriz africana majoritariamente sul-rio-grandense. Para nós, é extremamente relevante uma voz que ecoa do Sul do Brasil, uma vez que muito do que se pesquisou sobre religiões de matriz africana até os dias atuais, geralmente partem dos eixos Rio-São Paulo e dos Estados da Bahia, do Pernambuco e do Maranhão.

Aprofundando o que mencionamos anteriormente, o artigo de Paulo Purificação, intitulado *Tendências de pesquisa em comunicação e relações raciais no Brasil: análise da produção em eventos científicos de comunicação (2022-2023)* traça um panorama atual das abordagens relacionadas à Comunicação e os debates inerentes às relações raciais. A partir de questões provocativas e do conceito de epistemicídio, o autor propõe uma encruzilhada de métodos bastante eficazes para compreender as demandas atuais de trabalhos afrotemáticos e afrocentrados nos principais eventos da área de Comunicação.

Focando apenas em um desses eventos científicos, o Intercom, nas edições de 2012 a 2022, Danilo Borges e Silva de Araújo e Giovana Borges Mesquita, em seu artigo *Uma análise da Representatividade das comunidades quilombolas no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM)*, investiga como as comunidades quilombolas com suas complexidades, saberes, conhecimentos, entraves políticos e territoriais adentram nos estudos e pesquisas no campo da Comunicação. Concordamos que a inserção desse campo merece bastante aprofundamento na Comunicação, inclusive de abertura do campo teórico, para que possamos aprofundar as discussões sobre as possibilidades de compartilhar a pluralidade e reorganizar a sociedade, promovida inclusive por intelectuais quilombolas como Antonio Bispo dos Santos (Nego Bispo) que recentemente “fez a passagem”, mas que deixa um legado suficiente para que possamos aprender a “confluir” (2015), como ele propôs.

*Pensamentos Afrodiaspóricos na Educação: sobre outros saberes e outras epistemologias* de Maria A. Zubaran, Ricardo S. e Silva e Almerinda Sobral, contribuem de forma significativa para o dossiê, uma vez que trazem os conceitos de pensamentos afrodiaspóricos e as contribuições de

autores/as que navegam nestes mares do Atlântico Negro. Vale pensar e resgatar a ideia dessa comunicação existente nos diversos polos onde as culturas negras se assentaram, bem como compreender a dimensão de campos do conhecimento indissociáveis como a Educação e a Comunicação. O artigo também aborda as contribuições das teorias feministas (negras) e outras seções do pensamento afrodiaspórico, como a pedagogia das encruzilhadas de Luiz Rufino, uma categoria bastante decolonial e situada no conhecimento das religiões de matriz africana. Essas e outras formas de luta e de pensamento categorizam a interseccionalidade presente nas práticas do pensamento afrodiaspórico.

Ainda no contributo do diálogo interdisciplinar, *História sociológica brasileira e Pan-Africanismo: reflexões para a Educação* de Meryelle Macedo, Márcia Aparecida e Henrique Cunha Jr. trazem a perspectiva pan-africanista e o percurso de uma sociologia negra no Brasil como teorias críticas dos movimentos afrodiaspóricos, que precisam ser ancoradas e abrigadas no campo da Educação.

Adentrando na estética imagética afrodiaspórica, o trabalho *Entre a corporeidade e o arquivo na narrativa fotográfica de Eustáquio Neves* se debruça em análises tanto da obra como na proposta estética do artista mineiro. Consideramos que pensar as artes visuais, os arquivos e a fotografia em si seja fundamental para a composição desse dossiê, uma vez que os processos das artes, os museus e galerias, as curadorias e outros desdobramentos institucionais vem se consolidando uma nova história da arte no Brasil e no mundo. As condições dessas transformações atuais vistas em museus e bienais, que atravessam as pautas midiáticas, também

dialogam fortemente com a disciplina Estética da Comunicação (em seu currículo) e a maturação da descolonização do pensamento nas universidades.

A contribuição de Andréa Portolomeos e Sophia Assis Rodrigues, intitulada *Narrativas de resistência: a mulher negra em três contos machadianos*, promove não só um novo olhar sobre a perspectiva machadiana como lança a criticidade afrocêntrica na obra do autor, com um foco nas mulheres negras e suas representatividades de resistência a partir dos contos elencados e analisados. Para as autoras, Machado de Assis, que também atuou como jornalista, genialmente produziu denúncias dos processos escravistas e suas consequências de forma escamoteada e rebuscada para o período. Porém, com o avanço das análises críticas atuais, literárias ou afrocentradas, pode-se perceber que sua denúncia tem valor significativo para este momento presente.

O afrofuturismo, tem sido uma das perspectivas do pensamento afrodiaspórico, bastante estudadas no campo da Comunicação. A produção cinematográfica *Pantera Negra* (2018) deu maior visibilidade à perspectiva. O artigo *Wakanda Forever como espólio de Maafa: gestualidade em rede a partir de Pantera Negra* de Alexandre S. Silva e Juliana Gutmann, acrescenta mais uma pesquisa, pensada pela gestualidade performática abordada na obra cinematográfica e suas influências nas coletividades negras digitais e corporais.

*#OscarSoWhite? A (falta de) representatividade racial na maior noite do cinema mundial*, de Aianne Amado e Renata Barreto Malta, investiga as ações contemporâneas em torno das ausências de representatividades negras, especialmente femininas, no maior festival da indústria cinematográfica. Tendo como foco a iniciativa *A2020*, que no período de 2015 a 2020, pretendeu



aumentar o número de participação de outros grupos étnicos, especialmente mulheres, mas que não foram suficientes para uma efetiva transformação das representações das mulheres negras no cinema.

Ainda na trilha de questões de gênero, que permeiam o centro desse dossiê, especialmente sobre mulheres negras, o trabalho *“Mães da cama-vazia” como imagem de contracontrole do pensamento feminista negro*, de Nayara Luiza de Souza e Carlos Alberto de Carvalho relaciona o pensamento de duas importantes teóricas do feminismo negro (Patricia Hill Collins e Lélia Gonzalez) para atualizar a proposta de imagens de controle e as representações das mulheres negras no campo midiático, evidenciando aí os problemas historicamente inseridos como exclusão, silenciamento e outros males.

*Nzinga informativo: o feminismo negro na transformação do silêncio*, de Danyela Barros Santos Martins de Queiroz e Reginaldo Moreira, aborda as perspectiva feministas no Brasil, por meio da sua evolução sócio-histórica, bem como, convida-nos a conhecer e a memorizar o jornalismo alternativo protagonizado por mulheres feministas negras, tendo Lélia Gonzalez, importante teórica do feminismo negro no Brasil, como uma das vozes empreendedoras, intelectual e militante, desse projeto desenvolvido na década de 1980.

As representações sobre as políticas afirmativas nas universidades e suas representações midiáticas, são colocadas em discussão no artigo *A interseccionalidade na cobertura jornalística da lei de cotas: uma análise da Folha de S. Paulo em 2022*, texto de Nívia Rodrigues Pereira e Pablo Moreno Fernandes. Os autores buscam identificar a partir da roleta interseccional (Fernanda Carrera) o enfoque das matérias em relação à lei. Observam que a representação a partir da raça

gera uma cobertura praticamente unidimensional. Outros marcadores, como classe e escola pública aparecem nos relatos de estudantes. O marcador de deficiência é inexistente. A abordagem do jornal reconhece a relevância da política, mas aborda o tema com pouca criticidade ao desconsiderar os outros marcadores importantes para a compreensão e avanço no combate às desigualdades.

A questão das desigualdades também é discutida no texto de Tatianne de Lima Gomes, *Um retrato do telejornalismo na Bahia: diferentes versões sobre o racismo*. O artigo foi produzido a partir da tese de doutorado da autora que analisa a questão em três estados, mas no texto foca-se nos dados obtidos junto a jornalistas baianos. A pesquisa mostra que apesar de haver um movimento de inserção de profissionais negros, estes ainda são alvo de comentários racistas como o padrão do cabelo. Essa é a percepção da quase totalidade dos profissionais negros, enquanto os profissionais brancos não percebem a existência de racismo nas redações de telejornalismo.

*Comunidades virtuais e quilombismo: um estudo de caso sobre o Coletivo PretUX*, de Bruno Barros de Souza e Fernanda Carrera, faz um interessante movimento teórico de aproximação dos conceitos que lhe servem de título, considerando as características de interatividade, permanência e pertencimento. Ao mesmo tempo, analisa um coletivo que tem como propósito qualificar profissionais negros para atuar na área de UX Design. Com isso, aponta a importância da organização de quilombos como forma de promover ações afirmativas frente ao contexto de desigualdade.

O dossiê apresenta, ainda, duas produções imagéticas que compõem a seção Visualidades. *Tão longe, tão perto*, de Daniel Meirinho integra um texto crítico e explicativo da série visual do autor/artista, de maneira bastante subjetiva mas também provocante, uma vez que no Brasil atual, diversos debates, publicações e tensões têm sido geradas a partir do colorismo. Os tons de peles (principalmente aqueles mais claros) e as variantes fenotípicas, em meio a racialização instituída, se agrupam na indefinição de pertencimento dos indivíduos. A série performática de Meirinho, atravessa as questões balizadas em preconceitos, discriminações e exclusões de pessoas que não são bem reconhecidas em um país extremamente racista, eugenista e miscigenado. A pergunta lançada é: qual o lugar das pessoas mestiças? Seja nas periferias, nas ausências dos espaços de poder, nas bancas de heteroidentificação ou mesmo nos necrotérios que recebem vítimas violência, há ainda problemas relacionados a este tema que merecem ser mais discutidos. Meirinho propõe algo utilizando seu próprio corpo para informar e questionar.

*Sankofa, reconhecer o passado, melhorar o presente e construir o futuro* de Adriana M. de Assumpção, Peter Illiciev e Guto Farah, é um trabalho coletivo pensado a partir do ideograma pertencente ao alfabeto Adinkra dos povos akan, sankofa é uma imagem-provérbio (Dravet; Oliveira, 2017). Assim como o signo, o ensaio reúne escritas e imagens, permitindo um trânsito estético afrodiaspórico, entre passado, presente e futuro, por lugares onde as imagens dos corpos negros se traduzem em muitos conceitos, mergulhados na ideia digital de “tempestade de ideias” que geralmente aparecem com múltiplas palavras entrecruzadas. Porém, outros ritmos dessa configuração podem representar outras tempestades, que se apresentam nos processos de exclusão e violência dirigida aos povos negros nas Américas, tal como é mostrado em boa parte

do ensaio visual. Segundo o autor martinicano Malcom Ferdinand, em sua obra *Uma ecologia decolonial* (2022), há um imaginário para as populações negras estadunidenses, de que muitos ciclones oriundos do Oceano Atlântico, sejam cobranças ancestrais de vítimas da violência do tráfico de escravos que habitam aquele local geográfico. Para o autor, “a tempestade comporta-se como um navio negreiro que lembra as injustiças passadas e reforça as desigualdades contemporâneas: a tempestade trata-se de um ciclone decolonial” (Ferdinand, 2022, p. 86). Acreditamos que a proposta visual (e também textual) desse trabalho, perpassa por essas vias, denunciando o passado (e também o presente), observando o momento atual e tentando, ao menos, com essa denúncia, diminuir o projeto da modernidade/colonialidade que tem promovido a tentativa de extinção dos povos negros nesse país. Mas o signo sankofa, que inspira a série ofertada nesse dossiê, propõe igualmente uma circularidade, uma metodologia rodante. Portanto, o trabalho encerra e ao mesmo tempo reabre, com profundas reflexões, as portas do nosso dossiê, desafiando a linearidade. O dossiê *Pensamentos comunicacionais afrodiaspóricos* não termina, terá continuidades com leituras, ideias, publicações posteriores, produções poéticas e estéticas do porvir.

Assim, deixamos nossos agradecimentos à equipe do conselho editorial e técnico da Revista Esferas pelo apoio incansável, à Bethania Nascimento Freitas Gomes e ao professor Alex Ratts pela gentileza, generosidade e colaboração de nos presentear com um texto de Beatriz Nascimento para essa edição e aos/as leitores/as que chegaram até aqui, em um dos diversos portos à “beira-mar” do Atlântico Negro. Agora já podem remar adiante e prosseguir a viagem, apreciando os trabalhos elencados para essa edição. Obrigado, *adupé* ó!

## Referências.

- Collins, P. H. (2022). *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. Boitempo.
- Dravet, F. M. e Oliveira, A. S. (2017). Relações entre oralidade e escrita na comunicação. *Miscelânea: revista de literatura e vida social*, 21, 11-30. Unesp.
- Ferdinand, Malcom. (2022). *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. UBU Editora.
- Gilroy, P. (2001) *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Editora 34.
- Gomes, N. L. (2010). Intelectuais negros e a produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. Santos, Boaventura de Souza; Mendes, Maria Paula. *Epistemologia do Sul*. Cortez.
- Hall, S. (2003) *Da Diáspora: identidades e mediações*. Org. Liv Sovik. Editora UFMG/Unesco.
- Santos, A. B. dos. (2015). *Colonização, quilombos: modos e significações*. INCT/UnB.